



PAULA, Márcio Gimenes de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. SãoPaulo: Paulus, 2009.

Marieta Moura de Pinho

Este livro se inscreve na linha do crescente interesse despertado pela obra kierkegaardiana, não só entre os especialistas na área da filosofia da religião, mas também no âmbito da teologia e da literatura. Analisar o enfoque dado pelo autor dinamarquês à questão do ‘indivíduo e comunidade’, a partir de sua crítica à cristandade, em um reconhecimento da centralidade da sua filosofia para o nosso tempo, constitui um dos objetivos de Márcio Gimenes.

É uma obra em que o autor empreende um estudo da especificidade do pensamento filosófico e teológico de Kierkegaard no mundo cultural do século XIX, tomando como ponto de partida os neo-hegelianos como Ludwig Feuerbach, Max Stirner, Karl Marx, Bruno Bauer e outros, vinculados à filosofia de Hegel, os quais não poderiam ter realizado a sua filosofia crítica sem o conhecimento do sistema teórico do autor da ‘Fenomenologia do Espírito’. No entender de Paul Ricoeur, a relação entre Kierkegaard e Hegel deve ser repensada através de um novo paradigma significante, em que o dinamarquês não pode ser entendido sem Hegel.

O percurso traçado por Kierkegaard toma a subjetividade como fator decisivo do religioso e do tornar-se cristão. Ser subjetivo consiste numa experiência de reapropriação do seu próprio eu e não em algo arbitrário ou irracional. Kierkegaard é um admirador de Feuerbach pela paixão com que este desenvolve o seu tema, paixão que conduz o pensador sempre à prática, e no seu entender é ela a essência do cristianismo. Kierkegaard usa o autor alemão para dissolver a ilusão da cristandade e reafirmar o testemunho cristão. Para ele, a subjetividade é o ponto principal da religião e o cristianismo é a possibilidade que se abre diante de cada indivíduo. Diferentemente de Marx, que afirma que o homem se realiza em grupo, Kierkegaard entende que o importante é a afirmação da individualidade cristã, o eu-mesmo individual como humano absoluto.

Se a verdade é subjetiva e deve ser reapropriada por cada indivíduo, a sua comunicação, para o pensamento kierkegaardiano, só pode ocorrer de maneira indireta, e a comunicação do elemento crístico se dá por meio do testemunho. Para compreender a concepção cristã de Kierkegaard é necessário estudar a obra ‘Migalhas filosóficas’, pois é nela que se introduz o conceito de paradoxo, assim como a idéia de que o ser humano deve ser visto à luz da perspectiva do eterno.

Outro aspecto que Márcio Gimenes enfoca é a crítica da filosofia da religião feita por Nietzsche à moral e à cultura cristã. Para este, é preciso indagar o significado dos conceitos de pecado e de falta, empreendendo uma gênese dos conceitos formadores do cristianismo. Nessa linha de pensamento, ele percorre um longo caminho até a obra ‘O anticristo’, que pode ser considerada como o lugar a que pode chegar a humanidade decadente. Sua afirmação sobre a morte de Deus representa uma crítica à cultura e à herança filosófica protestante. Era um filólogo e profundo conhecedor do grego e do alemão, donde a dificuldade no exame de ‘O anticristo’, sua sutileza filológica e o significado teológico do termo. Assim, cada um em sua singularidade, Nietzsche, Feuerbach e Kierkegaard são importantes autores para a crítica da cristandade e do cristianismo.

Na sequência do texto, Márcio Gimenes trata do contexto do ‘*Post-scriptum* às migalhas filosóficas’, do autor pseudonímico Johannes Clímacus (1846). Nessa obra, Clímacus/Kierkegaard retoma perguntas já colocadas em ‘Migalhas filosóficas’, como, por exemplo: “Há um ponto de partida histórico para uma verdade eterna?” Para Clímacus, a questão da história do cristianismo deverá levar em conta os indivíduos. A temática do indivíduo é especialmente analisada na obra de Kierkegaard através da figura de Sócrates, em ‘Conceito de ironia’ (1841), acentuando que o mérito do filósofo grego está em recuperar a noção de indivíduo em meio à coletividade da *pólis* grega. Nessa obra, Kierkegaard explora o conceito de ironia como ponto de partida, compreendendo-a como uma opção de existência.

Quanto à análise da diferença entre o problema objetivo e o problema subjetivo, temos que o primeiro busca a verdade do cristianismo exteriormente, enquanto o segundo questiona a adesão do indivíduo ao cristianismo, isto é, analisa-o interiormente. A primeira parte do ‘*Post-scriptum*’ trata da verdade objetiva do cristianismo, isto é, uma verdade

histórica e filosófica, e a segunda procura analisar o problema subjetivo. Dizer que o cristianismo é um fenômeno histórico seria considerá-lo apenas na história humana. Para Clímacus, ele ocorre no *kayrós* (tempo propício) preparado pelo eterno. No *'Post-scriptum'* a fé cristã se afirma na força do absurdo, ou seja, de algo que não pode ser explicado logicamente.

Um ponto importante na obra de Márcio Gimenes é a análise da filosofia da religião, na qual Kierkegaard critica o modelo hegeliano e pós-hegeliano. Para esse autor, a subjetividade da fé cristã, tema central da análise kierkegaardiana do cristianismo, é melhor estudada por meio do episódio histórico, o caso do pastor Adler, na condição de pastor em crise, que representa a sátira para a crítica à cristandade e à filosofia especulativa.

A obra de Márcio Gimenes é, pois, uma fonte rica para o estudo do pensamento e influência de Kierkegaard na dialética entre fé e razão e na análise temática do indivíduo e da comunidade dentro de um recorte específico: a crítica kierkegaardiana à cristandade. Constitui, sem dúvida, uma tentativa de despertar o leitor para o estado em que se encontra atualmente a análise do *corpus* kierkegaardiano, situado na linha fronteira entre a filosofia e a religião, a psicologia e a literatura.